

Bancos externos pedem até 10% de reciprocidade no interbancário

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

Duas semanas depois do suspiro de alívio com a decisão favorável do Fundo Monetário Internacional (FMI), o ministro Delfim Netto está a caminho do Oriente Médio para convencer os árabes a completem sua parte — cerca de US\$ 70 milhões — no novo jumbo de dinheiro novo prometido pelos bancos privados internacionais dentro da fase 2 da renegociação da dívida brasileira.

Mas o comitê assessor dos bancos não depende apenas do suor bem-sucedido do ministro, no meio do deserto e dos riscos de guerra do Oriente Médio. Até ontem haviam entrado US\$ 6,2 bilhões e, portanto, ainda faltam US\$ 300 milhões para que William Rhodes, presidente do comitê, possa proclamar vitória total.

E, além da resistência de muitos bancos para aderirem ao jumbo (dos 840 bancos convidados, pelo menos 200 ainda não enviaram confirmações e o número exato de adesões é segredo guardado a sete chaves pelo comitê), fontes bancárias americanas e brasileiras dão conta de vários outros problemas no horizonte:

• As linhas de crédito interbancário (projeto 4) caíram pela primeira vez abaixo do nível de US\$ 5,9 bilhões. Em 29/11 elas chegaram a US\$ 5,895 bilhões, caindo US\$ 19 milhões em relação à semana anterior. Embora seja mais uma pequena queda, aparentemente o comitê assessor se deu conta da importância psicológica do número e explicou que se trata de um decréscimo ocasional, decorrente de uma transferência do projeto 4 para o projeto 3.

• Paralelamente à lenta mas constante queda do nível total das linhas do projeto 4, banqueiros brasileiros se queixam de que as exigências dos bancos americanos vêm crescendo. "Reciprocidade" virou

uma palavra maldita entre os banqueiros brasileiros, porque alguns bancos americanos já estão exigindo até 10%. Isto significa que o banco brasileiro, quando recebe uma linha de um banco americano, deve manter pelo menos 10% do lado de lá, sem render juros. Até poucos meses atrás a reciprocidade era em geral de 5%, mas, nas últimas semanas, aumentou para 7 e 10%. Além disso, os bancos americanos comprometem-se com o Banco Central a manter linhas de crédito num determinado total, mas podem dar essa linha a qualquer um dos vinte bancos brasileiros que operam no exterior. Isso, em alguns casos, tem provocado, nestes tempos de vacas magras, disputas por algumas linhas e é claro que a disputa eleva o preço do dinheiro. Há notícia de "spreads" de até 5% além do juro normal ("prime rate"), muitas vezes pagos por bancos e empresas estatais.

• Um veterano banqueiro brasileiro explicou, sob a condição de não ser identificado, que a responsabilidade final por essa situação de juros crescentes é do Banco Central, porque todos os bancos têm agora de informar ao BC sobre qualquer operação realizada, indicando onde estão tomando o dinheiro, para quem e qual o custo. "Se o Banco Central fica quieto — disse a fonte — é porque está aprovando essa tendência." Esse banqueiro revelou que recentemente um banco estadual fez uma operação em que aceitou pagar um custo total de 22%, considerando-se o juro, o "spread", a reciprocidade e outras vantagens.

• A volta ao Brasil do gerente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) provoca novas discussões em torno da presença no exterior de alguns bancos estaduais. O Banrisul, por exemplo, veio para Nova York com a esperança de expandir rapidamente sua agência, mas a crise